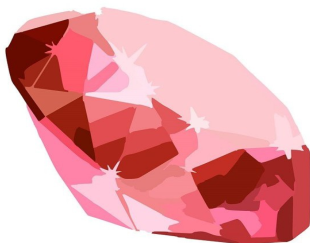
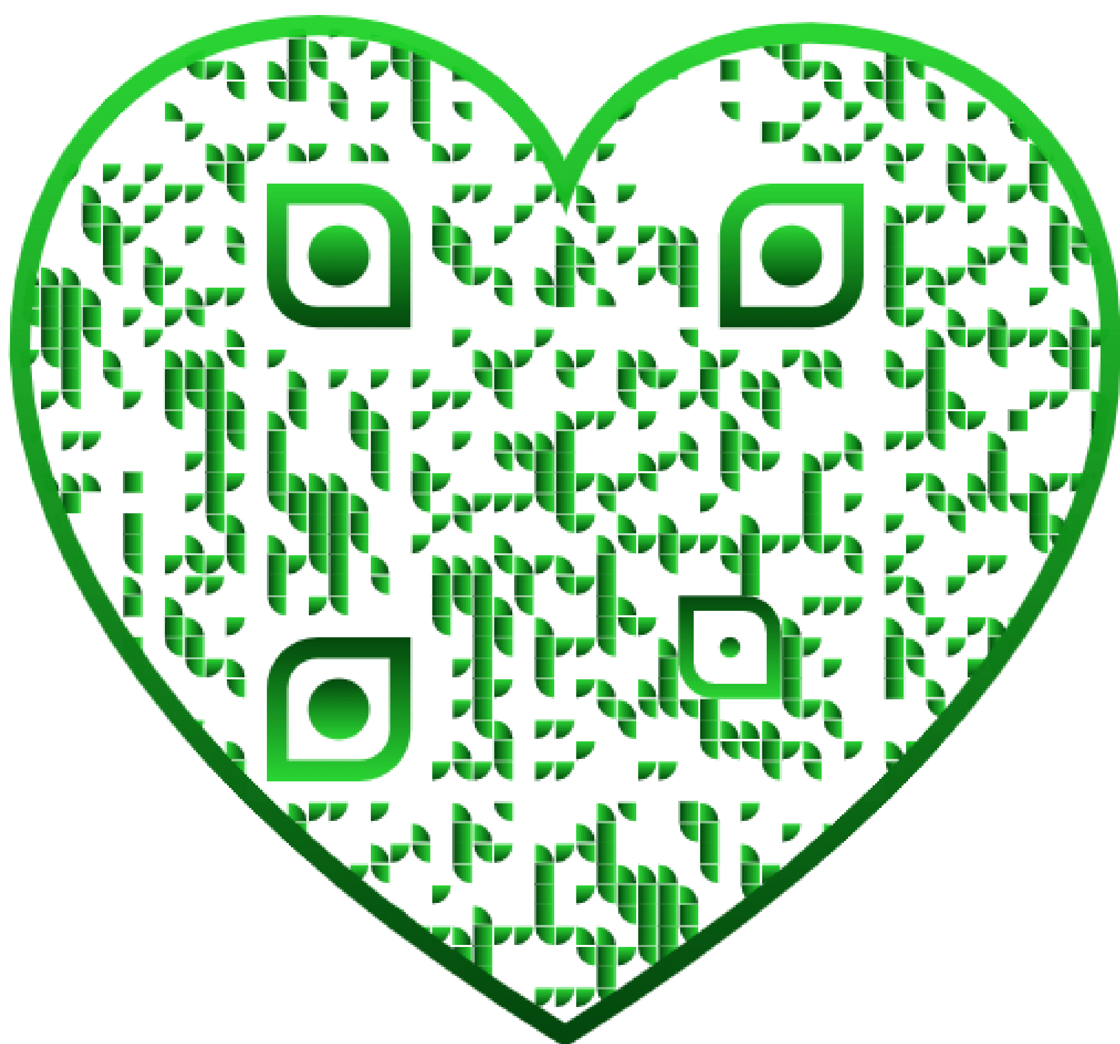
A Ladra que roubava Ladrões



Laís Manfrini



A Ladra que Roubava Ladrões

Laís Manfrini

1ª edição

2015

A Ladra que Roubava Ladrões

Em contraste com a pele pálida e os cabelos e olhos dourados (não loiros, mas dourados, como se ela realmente tivesse ouro nascendo de seu couro cabeludo) de Ivanna, o escritório era extraordinariamente comum — luxuoso, mas comum.

A própria Ivanna se sentava em uma cadeira à escrivaninha e, apesar do aspecto inegavelmente comum do objeto, fazia-o como se fosse um trono. Ao seu lado, de pé, havia um moço de cerca de 20

anos, magro, quase tão pálido quanto Ivanna e de cabelos louros claros.

— Nivanne Adamarena. — A voz de Ivanna era musical. — Ouvi dizer que você estava procurando por uma deusa e me encontrou. Disso, concluo que sou uma deusa.

Nivanne abriu a boca, um tanto chocada com o sarcasmo inesperado.

— Eu… sim… — murmurou. Fora o desespero que a levara a entrar naquele escritório, e esse mesmo desespero foi, em parte, responsável por permitir que ela se recompusesse rapidamente. — De

fato estive atrás de uma deusa nesses últimos tempos.

Não exatamente de uma deusa. Quando os sonhos começaram a atormentá-la, ameaçando-a com punições longas e dolorosas, ela foi atrás de um sacerdote em busca de descobrir um meio de se redimir de todos os crimes que cometera em seus quase trinta anos. O sacerdote não tinha respostas, e tampouco todos os demais que ela conhecia na cidade. O último que visitara, entretanto, apresentara-lhe uma sugestão: uma visita a Ivanna, uma suposta deusa.

— Sim, estou ciente de seus

problemas recentes, e de sua busca incansável. Sou uma admiradora sua, e sei que tem uma reputação bem extensa aqui na cidade.

Nivanne tinha de fato uma reputação extensa, e também secreta. Mas não fez comentários. Não havia segredos para os deuses — ou não estaria tendo todos aqueles sonhos.

— Isso significa que vai me ajudar?

— Sim, sei o que pode resolver seu problema.

O coração de Nivanne deu um salto de alegria e o alívio a preencheu.

— Só me diga o que preciso fazer!

A resposta de Ivanna foi bem direta:

— Roubar uma maçaneta.

O silêncio que se seguiu à declaração ecoava a pura e total surpresa de Nivanne. Até o garoto, que até então não proferira uma palavra, demonstrou seu espanto com uma sobrancelha arqueada.

— Uma *maçaneta*?

— Não uma maçaneta qualquer — disse Ivanna. — A maçaneta da porta que leva ao jardim dos fundos do palacete de Kalandra Ayanee. Ela é de ouro e tem um rubi

incrustrado; é muito importante que você me traga o rubi intacto. Ela dará uma grande festa semana que vem, e se as palavras que ouvi sobre você não forem vento, tenho certeza de que arranjará um meio de se infiltrar na festa.

— Certamente, senhora. O trabalho parece bem simples a princípio, mas não posso simplesmente desparafusar uma maçaneta no meio de uma festa.

— Nivanne, você é uma mulher astuta e criativa. Será que não pode encontrar um meio de roubar uma maçaneta sem que ninguém perceba?

A moça engoliu em seco. Aquilo era maluquice! Como o roubo de uma maçaneta poderia resolver seu problema com a ira dos deuses?

Seus devaneios foram interrompidos quando o jovem finalmente resolveu se manifestar:

— Neste caso, uma simples combinação de discrição com não discrição seria suficiente.

Nivanne o encarou. O que raios ele queria dizer com aquilo?

Porém, a ladra não demorou a descobrir que, com "combinação de discrição com não discrição" o garoto queria dizer que ela devia

criar uma distração. Ficou pasma com sua incapacidade de conceber um plano tão simples, mas seguiu em frente e, no fatídico dia, desparafusou uma maçaneta de ouro com um rubi e a substituiu com uma réplica quase perfeita enquanto todos os olhos estavam voltados para o pseudosacerdote que gritava sobre heresia e profanação e lutava contra os guardas que tentavam tirá-lo da festa.

No dia que se sucedeu ao espetáculo, Nivanne depositou a maçaneta roubada sobre a escrivaninha.

A deusa a contemplou por um

bom tempo, o ouro em seus olhos liquefeito em deleite. O garoto mais uma vez pairava ao seu lado, interessado.

— Minha senhora, eu fui curada?

— O quê? — Ivanna parecia ter despertado de um transe. — Ah, sim! A alma que está contida neste rubi foi roubada por Lafanne Ayanee, e você a roubou do palacete dos Ayanee, portanto roubou-a de ladrões. Como ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão, os deuses terão de deixá-la em paz.

O silêncio mais uma vez

refletiu o choque de Nivanne.

— Mas…

Ivanna ergueu as sobrancelhas, instando-a a prosseguir.

— Isso é inusitado — a moça disse por fim.

— É sim. Se uma coisa pode ser dita sobre mim, é que nunca faço as coisas da maneira usual.

Nivanne ainda não conseguia acreditar.

— E de quem é a alma roubada por Lafanne Ayanee?

— De Lafanne Ayanee.

Mais uma pausa. Ivanna sorriu.

— Lafanne Ayanee sempre foi uma pessoa inusitada quando se

tratava de escolher o objeto a ser roubado. E ela conseguiu a proeza de roubar a si mesma.

O silêncio que se seguiu foi reflexivo.

— Tenho de lhe contar uma coisa, Nivanne.

— Sim?

— Aqueles sonhos que você teve são falsos. — Fez um gesto indicando o garoto. — Ensinei alguns truques ao meu aprendiz, e ele os colocou em prática. Foi tudo um plano para contratar os seus excelentes serviços.

— Por que você não faz as coisas da maneira usual.

Ivanna a presenteou com um sorriso de aprovação.

— Exatamente.

— Muito bem. Da próxima vez que coisas estranhas estiverem acontecendo em minha vida, saberei que é você necessitando de meus serviços.

Na verdade, Nivanne estava aliviada por a ameaça dos deuses ser falsa. Seu coração estava leve quando se despediu de Ivanna, mas esta a deteve.

— Muitas pessoas (eu inclusa) não acreditam na existência de deuses. Mas posso não estar certa, por isso, por via das dúvidas,

apenas roube de ladrões, assim estará sempre perdoada.

Nivanne assentiu, acatando a sugestão. Ao se retirar do escritório da deusa que não era deusa, tomou sua decisão: dali em diante, seria uma ladra que roubava de ladrões.

Sobre a autora

Desde sempre senti prazer em ler e criar histórias e quando criança desenhava muitos quadrinhos, mas comecei a me dedicar à escrita de livros em 2007, aos 13 anos de idade. Desde então nunca mais parei, e durante todos esses anos aprimorei minha técnica ao escrever e reescrever minha primeira série de livros, sem nunca ficar satisfeita. Esse é meu primeiro trabalho publicado, mas tenho planos para publicar mais livros e contos em breve. Vocês podem ler

sobre meus projetos em andamento visitando meu blog ou minhas redes sociais.

Blog | Facebook | Twitter | Google +